



Revista Valise



Porto Alegre, v. 13,
n. 1, ano 13,
julho de 2023.



SUMÁRIO

Trio
91

canteiro-daninho

canteiro-cultivo



JARDINS: DE PASSAGENS, DE CULTIVOS, DE DANINHAS

A décima terceira edição da Revista-Valise propõe o tema sobre os *Jardins*, não apenas como lugares especiais de exuberância da vida, do cultivo e do proveito emocional, como também sendo lugares de escutas e estudos da Terra como um grande jardim planetário. Ao possuírem usos e polissemias, os jardins ultrapassam qualquer conceito estreito. Presentes nos principais mitos fundadores da humanidade – do cobiçado jardim do Éden, eternamente traído, aos exuberantes jardins suspensos da Babilônia –, carregam o sentido de lugar protegido ou *hortus conclusus*. No século XVII, a natureza era adestrada sob o olhar do jardineiro francês, ao mesmo tempo em que as grandes invasões do novo mundo violentavam e destruíam as vidas vegetais, animais e humanas nativas do novo mundo. Os povos originários compreendem a natureza como um complexo dinâmico de vidas do qual fazemos parte e a partir do qual dialogamos. Flores, árvores, musgos são seres vivos com os quais estamos em constante diálogo. Mais tarde, jardins que antes eram espaços legados aos prazeres da aristocracia foram abertos aos públicos em geral em resposta às novas necessidades republicanas. Isso se contrapõe a políticas contemporâneas, em que jardins e parques vêm sendo assediados pela especulação imobiliária, por políticas públicas ultraliberais que põem em risco o caráter democrático do espaço público físico e simbólico.¹





Marcelo Bordignon & Sérgio A. L. Bordignon, *Jardim slide*, 2023. Fotografia digital, 30 x 30 cm. Fonte: Acervo dos autores.



Nesta edição, é proposto especialmente que as tradicionais categorias que dividem e hierarquizam um periódico acadêmico – artigos, ensaios visuais, entrevista, traduções – fossem abolidas ao ponto de que um entrecruzamento de distintos formatos textuais, ensaios visuais e imagens constituintes do pensamento fosse capaz de fazer visualizar a própria organicidade em que os elementos vegetais são dispostos nas práticas contemporâneas em jardim: abre-se espaço para espécies vindas de longe, ao mesmo tempo que revaloriza as que ali sempre estiveram, os limites entre os canteiros vão sendo erodidos e os caminhos passam a se bifurcar pelo jardim que se esparrama para fora dos muros e se assenta onde puder. Propor o envio de produções acadêmicas sobre o tema é trazer à tona não apenas o que se pensa sobre jardins, sobre as reflexões de uma pesquisa, o que se tem feito por artistas, pesquisadores e jardineiros e quais potências vêm sendo engendradas por estes, mas investigar a situação, através da síntese do cotidiano feita pelas artes visuais, da compreensão de paisagem e natureza, especialmente, após os últimos anos de extremo assujeitamento do nosso meio-ambiente ante à destruição e descaso deliberado a nível político.

Elaborar um número sobre práticas de jardim no campo artístico, quando muitos artistas e pesquisadores retomam discursiva ou poeticamente em seus trabalhos, como uma sementinha para a concepção de uma edição que pensasse certos agrupamentos desse conjunto de escritos segundo alguns canteiros – potentemente porosos, dialogantes, conectados – para criarmos, a partir da *fartura* e não da *escassez* – hídrica, econômica, reflexiva – uma Revista-Valise que fosse propriamente a materialização de um jardim ao seu modo, um jardim-valise, no qual as contribuições reflexivas constantemente tecem diálogos, se complementam e se comunicam com o fora, já que um jardim cerrado sempre está se disseminando para o seu exterior, sob novas fundações do mundo em seu motor interno e imparável de vida.

Ocupando nossa capa e o ensaio visual de abertura nesta edição *Jardins*, Fernando Limberger articula com **Paisagem Reflexa: Ibirapuera, Dois Tempos** a apresentação processual de dois jardins cultivados a partir de espécies vegetais de dois períodos distintos da região do Ibirapuera, em



São Paulo: um deles, o *Jardim Pretérito* onde germina espécies nativas da região ocupada por populações indígenas no período pré-colonial, quando ali era um território alagadiço e *Jardim Presente*, cultivando espécies que atualmente estão ali presentes. Limberger ensaia em um mesmo plano visual dois tempos a partir do desenho, da escrita à mão, da fotografia, da paisagem, da listagem e catalogação botânica, do cultivo jardineiro, literalmente a conjunção de dois tempos que coabitam a mesma circunscrição temática do real. A montagem trazida aponta para a passagem de tempos em que cada imagem dá conta do ínfimo de um processo que não arreda nunca de colocar a matéria com que é feita os jardins em movimento, em um fluxo transitório de tempo.

~~

Canteiro-passagem, um canteiro montado e preparado especialmente para um conjunto de propostas nas quais o entrever de um objeto, um tema ou uma reflexão se dê no próprio movimento de um deslocamento, de um desvio, de um novo atalho estabelecido. São propostas que, apesar de contribuir com *golpes de vista*, ou melhor, recortes através da instauração de novas teorias – ao pensar a origem etimológica que relaciona *theōrīā* com a vista, a visão e *theōrós* com o espectador – sobre jardins, são percebidas conduzindo na construção dessa reflexão o deslocamento pelo jardim pessoal, pela história e teoria da arte, pelos espaços temáticos de uma exposição. São espécies de *caminhos de elefantes* esses caminhos que a pesquisa em arte sobre jardins estabelece aqui, segundo Mari Keski-Korsu (2004–2010), “um caminho que é formado no espaço por pessoas ao trilhar seu próprio caminho e atalhos; é uma rota não oficial. [...] um sistema sobreposto” – pensando aqui numa *justaposição* propriamente dita, entre o ver e a *theōrīā* [θεωρία] e o deslocar e a *khoreīā* [χορεία] “de ir de um lugar a outro lugar num espaço concernente de uma cidade, de um plano urbanístico”¹, entre os campos dos saberes para falar sobre jardins.

¹ KESKI-KORSU, Mari. *What are elephant paths?*, 2004-2010. Disponível em: <http://www.elephantpath.net/intro/elephantpaths.html>. Acesso em: 28 jul. 2023.



No artigo **Um passeio pelos jardins da arte** de Hugo Fortes há a compreensão do autor já de início de que o modo e o local de estar no mundo são fundamentais para refletir sobre aquilo que compõe os jardins: falar sobre jardins é propriamente empreender relações com um. E o autor, especialmente convidado para esta edição da Revista-Valise, cruza por diversas obras de artistas contemporâneos para discutir aspectos formais, estéticos, sociais, históricos e ecológicos nas práticas onde o jardim está envolvido. Fortes comprehende que escrever sobre jardins a partir do escritório não é a mesma coisa que tecer considerações estando em convivência cercado por um: de um lado, o escritório, esse *locus* da casa que sintetiza as ideias, as reflexões, as estratégias, a organização, onde os despojos do conhecimento se amontoam, solicitante de mesa e cadeira, de superfícies de apoio ao corpo que olha e traça retas, marca numerações, mas que inveja da janela o jardim e este cômodo feito de paredes invisíveis, povoados de seres vivos, tempos, crescimento, umidade, calor, frio ou vento. E, estando nos jardins, o artista-pesquisador se remeterá ao elemento do livro presente na pintura para traçar seu fluxo reflexivo pela história dos jardins, pelas práticas experimentais, articulando o artista e os seres vegetais para obras em processo. Fortes fala a partir do jardim sobre a pintura de interior, lê as experiências jardineiras como um livro cuja linguagem possui gramática, tramas tecidas segundo seus tempos, suas ideologias e procedimentos e, então, a noite – esse elemento que também compõe e dá forma aos jardins – cai e com isso sua escrita descansa e o jardim dorme seu dia.

Em **Inconcluso, mas jardim**, artigo de Vladimir Bartalini, o autor discute a ideia dos jardins e seus significados e formas, percorrendo a história da arte desde os lugares cercados cuja compreensão sobre o natural era a de fraccionamento da natureza até o jardim-planeta, uma grande rama de vida que compõe a Terra. Executa uma movimentação reflexiva desde a perfeição em que as formas dos jardins clássicos eram submetidas ao processo natural de deslocamento que a natureza engendra em seus processos biológicos. Ao mesmo tempo, Bartalini recupera algo essencial que permanece nessa constante produção jardineira e que a prática de jardim contemporâneo lança mão como fonte, procedimento



e trabalho processual de tempo.

Jardins de escultura e convivialidades possíveis, artigo proposto por Sylvia Furegatti, enfoca os jardins de escultura no decorrer da história de arte e analisa seus aspectos constitutivos a partir dos seus estabelecimentos conectados com o colecionismo de esculturas na imbricação entre objeto artístico, paisagem e natureza atualmente relacionadas a museus e universidade, buscando no fluxo e nas convivências entre os sujeitos e também entre os jogos de dissenso as chaves para a sua compreensão contextual.

Em **Os espaços intermediários**, com tradução de Fercho Marquéz-Elul, John Dixon Hunt reflete sobre o conceito de *espaços intermediários*, os interstícios ocupados entre arquitetura, escultura, história e discurso que envolvem a complexa experiência multimídia trazida pelos jardins. A partir de um deslocamento do enfoque crítico convencional dos jardins, o autor percorre alguns jardins europeus para dar protagonismo à paisagem que, como uma veia de sangue, preenche e dá vida, materializando nessa linguagem efêmera a intersecção entre linguagens arquitetônicas, históricas, artísticas, como também espaço e tempo.

No ensaio visual **Um passeio pelas cores do Jardim de Majorelle**, Janice Martins Appel aprofunda sua pesquisa em jardins, constituída de inúmeros deslocamentos entre o Sul da Espanha e o Marrocos, para compreender as distintas narrativas sobre os jardins, seus elementos, suas redes culturais e comunitárias. Neste ensaio, a autora apresenta experiências artísticas durante o passeio ao Jardim de Marjorelle, resultando em fotografias, pinturas e desenhos, cuja feitura é influenciada pela presença do azul de lápis lazuli.

Remetendo aos jardins anteriores e aos mitos criacionais que envolvem o jardim, Rafaela Maria Martins da Silva, no artigo **A exposição Pedra-carne como jardim pré-adâmico de Meg Tomio Roussenq**, percorre a mostra *Pedra-carne* de Meg Tomio Roussenq, ocorrida em 2021 na Fundação Cultural Badesc, em Florianópolis/SC, para investigar os apor tes resultantes de um encontro da artista com uma pedra e sua equivalência material humana. Na obra da artista, a pedra é valorada como uma existência cujo corpo implexo é investigado em pinturas, objetos



e aquarelas. A partir de uma narrativa criada a partir da ficcionalização de corpos presentes nessa exposição como sendo pertencentes a sua própria fundação edêmica e pré-adâmica, tendo como base conceitos de *arquia*, *inframince* e *existências mínimas* de, respectivamente, Jacques Derrida, Marcel Duchamp e David Lapoujade.

O artigo **Gilardi, Pascali e Penone nei giardini dell'arte povera**, de Daniela Barcellos Amon e Marina Câmara, inaugura, dentro da produção crítica brasileira e internacional sobre o movimento artístico italiano da *arte povera*, a questão dos jardins e da produção poética envolvendo seus procedimentos em arte, a partir da análise de obras de Piero Gilardi, Pino Pascali e Giuseppe Penone. Em suas reflexões, a jardinagem *povera* é articulada sob a ideia de que cultura e natureza são indissociáveis e imbricadas, dissolvendo dualidades e oposições binárias entre cultural e natural, humano e natureza cujo jardim, visto como natureza modular, dá-se na articulação entre arquitetura, paisagem e escultura.

~~

Em **Canteiro-cultivo**, textos e ensaios heurísticos propõem, a partir de poéticas sobre o jardim o aporte de aspectos em que o processo, por vezes transdisciplinares ou intermidiáticos, se veem em primeiro plano para a produção reflexiva. O jardim, tal linguagem artística mais efêmera, feita de vida e morte, alimentado por uma grande comunidade diversa desde agentes biológicos, animais, vegetais, meteorológicos ou minerais, é também espaço para a liberdade de criação cujos procedimentos são inaugurados na compreensão da natureza, de sua história ou contexto, de sua representação na pintura, na construção da memória ou do discurso arquitetônico.

Em **Brejo das delícias: imagens da natureza artificializada**, Giselle Beiguelman, a convite da Revista-Valise, se embrenha no contexto histórico do Parque Ibirapuera, região ocupada por populações indígenas no período pré-colonial, em São Paulo em busca das espécies nativas, presentes ali em áreas alagadiças e pantanosas anteriormente à sua urbanização, para compor seu ensaio visual. Depois de pesquisa e estudos



botânicos da flora da cidade, a autora identifica cerca de 50 espécies que habitavam o local para criar, através de inteligência artificial, novas criaturas vegetais específicas que tomam vida e visualidade por meio de recurso de realidade aumentada. Com essas ferramentas tecnológicas, a autora desvia seus objetos para fundir espécies originárias distintas em novos seres vegetais, trazendo à reflexão a riqueza diversa de imagens técnicas da natureza e paisagem que alimentam nossas noções a seu respeito.

No artigo **No jardim lutooso de Iberê Camargo: paisagem de perda em “no vento e na terra”**, Marcelo Lins Magalhães e Aline Trigueiro oferecem um estudo da obra pictórica *No vento e na terra I*, de 1991 do pintor gaúcho Iberê Camargo a partir da alegoria de jardim lutooso. A partir do fazer pictórico do pintor, os autores suscitam a compreensão da presença de um decaimento de uma interioridade cuja paisagem narra sua perda com o mundo e com a natureza. Propõem compreender tal pintura em suas faturas densas e decantadas, ao modo de uma escuta sensível à ideia de jardim, na medida oblíqua do seu contraponto edênico, articulando nesse atento deslocamento o diálogo com a arte e a literatura.

Luana Alt, em seu ensaio visual **A árvore-biblioteca**, nomeia um conjunto de produção de publicações de artista elaborado a partir da árvore popularmente conhecida como pata-de-vaca. Folhas recolhidas se tornam folhas para livros encadernados através de costura manual. São exploradas diversas possibilidades de encadernação e de composição entre as folhas, mesclando tamanhos e níveis de maturação, além de eventualmente incluir nesta costura poética outras espécies vegetais. A finalização dos livros também se mostra enquanto processo criativo, determinada, a depender do tamanho de cada volume, pela decomposição como parte inerente ao processo; com isso, cada espécime se estabelece como exemplar único aberto à ação transformadora do tempo, alterando seus regimes de leitura até o estágio do ilegível.

Na **Reportagem sobre um teto de jardins. Tetos-jardins?**, com tradução de Fercho Marquéz-Elul, Le Corbusier relata a experimentação vegetal do seu jardim de cobertura, executado na cobertura de seu apartamento e ateliê em um edifício na cidade de Paris durante meados de



1940, que de modo surpreendente para o autor, após quase uma década de abandono ao próprio destino, se desenvolvia plenamente. O teto-jardim foi um dos *cinco pontos da Nova Arquitetura* pesquisado pelo arquiteto e lançado em 1936 tendo como objetivo recuperar o solo ocupado pelo edifício construído, deslocando-o para a cobertura da construção sob a forma de um jardim. Juntamente com os pressupostos de *planta livre, fachada livre, pilotis e janelas em fita*, tais demandas arquitetônicas foram absorvidas no que ficaram conhecidos como elementos característicos para a arquitetura moderna ocidental. Na reportagem, Le Corbusier relata de modo apaixonante os processos de vida que a natureza autonomamente engendra, bem como prescreve brevemente a implementação do teto-jardim como recurso propositivo para novas relações entre arquitetura, usuário e natureza, muito antes de qualquer consciência politicamente ecológica. Com esses fragmentos, o autor inaugura uma escrita poética e crítica sobre a natureza no paisagismo que prosperará em uma escrita inspirada e poética de Gilles Clément e Emanuele Coccia, décadas depois.

Em **Do jardim familiar aos jardins públicos da Europa: entre fotografias, flores e memórias**, artigo de Daniela Remião de Macedo, o jardim é refletido com o objetivo de compreensão acerca de sua transformação em local de experimentação para fotografia analógica. A partir de práticas fotográficas iniciadas durante o isolamento social no Brasil e empreendidas na Europa, a autora reflete a respeito da materialidade para arte e para os processos fotográficos do século XIX atualizados na revelação de fotografia de família. Articulando, a partir das experimentações de fotógrafas como Mary Somerville e Anna Atkins, Remião ressignifica as imagens transcriadas, cuja manualidade expande diferentes tempos entrecruzados do meio fotográfico.

~~

Finalmente, na parcela em **Canteiro-daninho** de nossa publicação, o conteúdo que faz o jardim cercado, controlado, supervisionado, vigiado se dissemina para fora e o mesmo motor que verdeja de vida, umidade e



sombra também move e fortalece a natureza vegetal. O jardim passa a não mais ser compreendido como diferente, uma abundância recordada em um mundo de escassez de exuberância, mas como mais uma conjugação instituída de complexas relações entre animal, vegetal, mineral; arquitetura e toponímia, gestão vegetal e ciclos da água. Esse motor natural de vida, por vezes, é traduzido, sob ótica humana, como desejo pertinaz perante o fim da vida, a construção de mundos possíveis, a irreduzibilidade das ervas ditas daninhas, o jardim que invade a casa e a intimidade humana, o patrimônio arquitetônico ou paisagístico engendrado no tempo.

Aline Silva Santos e Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima, em seu artigo **Morte e vida nos jardins de memória**, abordam a imparável força pela compreensão física do luto ao enfocar os chamados “jardins da memória”: criações espontâneas e resistentes feitas por parentes de mortos que espargem suas cinzas em áreas de vegetação nos crematórios e cemitérios de São Paulo. Rompendo o atual tabu sobre a morte, tal reflexão busca pensar sobre as representações poéticas dos ciclos de vida e morte, sua demarcação física do luto, a partir de revisão da literatura especializada, incursões etnográficas e entrevistas para cartografar a força mobilizadora do luto perante a desaparição do ser.

No artigo **À procura dos Jardins Efêmeros: contributos para uma abordagem sociológica da utopia das artes**, Susana Januário e Paula Guerra se servem da utopia para prospectar seu lugar nascente de expressões estéticas e invenções artísticas e sociais. Partem da compreensão do jardim sob uma ideia entre o tangível e o intangível, como agenciador da natureza selvagem e influente proposito de novos futuros imaginários, explorando a capacidade transformativa e resistente nos espaços da utopia instaurados pelo festival de artes *Jardins Efêmeros*, na cidade de Viseu, em Portugal. Lançando mão de entrevistas, aporte documental e observação, as autoras buscam demonstrar como o ideário utópico associado a uma noção artística de jardim potencializa mudanças na rede social.

Anirã Marina, em seu ensaio visual **Do gesto, a flor: tecendo um pequeno jardim**, apresenta a íntima relação entre tessitura e cultivo a partir



de obras têxteis produzidas em sua pesquisa de mestrado em Poéticas Visuais, suscitando demonstrar a interpenetração entre ambas as práticas, produzindo gestos que colaboram com materiais ao promover estratégias de manutenção das paisagens internas e externas do corpo, casa e cotidiano.

Do Jardim à paisagem (e vice-versa), artigo proposto por Lilian Maus Junqueira e Sérgio Luiz Valente Tomasini, traz reflexões sobre a prática em arte a partir da estratégia de ativação, de revelação e de ressignificação dos patrimônios cultural e natural. Duas experiências refletem a respeito dos conceitos de jardim e paisagem via a perspectiva de possíveis trocas a nível simbólico, perceptivo e afetivo gerado pelas práticas artísticas em contato com o campo do paisagismo urbano. Enquanto a primeira parte, toma a prática do paisagismo para explorar a imaterialidade do jardim por meio de um jogo poético, a segunda cria um deslocamento alegórico desde o jardim à paisagem sob o recorte da representação bidimensional e da produção de imagens. Os autores discutem ainda a potência artística contemporânea que revelam patrimônios vulneráveis a serem sensibilizados e reconhecidos.

Claudia Zanatta e Vado Vergara abordam, também a convite da Revista-Valise, a incursão existencial nomeada **Ecomuseu urbano**, experimentando através da arte nos espaços públicos da cidade ações individuais e coletivas por meio de instalações, produções audiovisuais, caminhadas, plantios. Enfocam a primeira ação, sucedida na praça Brigadeiro Sampaio, em Porto Alegre/RS, engendrando a pesquisa por percursos possíveis, metodologias e intercâmbios reflexivos entre arte contemporânea, a cidade e a ecologia.

Gilles Clément em **O jardim como índice planetário**, com tradução de Arthur Simões Caetano Cabral, apresenta a especificação terminológica da noção de jardim, relacionada com uma compreensão ecológica de grandes áreas paisagísticas, abordando a ligação ambivalente entre natural e artificial, cultivo e abandono e seus resultantes nos domínios vegetais em uma chave planetária. Para o autor, o *jardim planetário* aponta para um desvio da atenção em prol de compreender a vida e seu espaço no planeta Terra como um completo jardim, em animais e vegetais



como partícipes dos fluxos energéticos e materiais que cercam o globo em um grande jardim murado.

Em **As passagens: uma entrevista com Fernando Limberger**, Katia Prates entrevista Fernando Limberger, artista convidado, partindo de seu trabalho *Paisagem Reflexa: Ibirapuera, Dois Tempos* para tecer uma conversa sobre os processos artísticos que envolvem a paisagem, a arte e a arquitetura. Neste diálogo online, o artista localiza seu interesse pela paisagem de longa duração, na qual percebe acontecimentos que se constroem dentro do próprio tempo e que mostram seus resultados na época em que estamos. O artista reflete em seu trabalho a respeito das matérias vivas que se tornam base para compor, como em um tecido intrincado, com os estados do passado e do presente, com a vida e a morte.

E, finalmente, Anna Karoline de Moraes Silva, em seu ensaio visual **Desenhos vaga-lumes: notas visuais acerca do processo** encerra esta edição ao trazer o registro de uma instalação pensada em espaços externos ou jardins com o objetivo de simular a luminescência dos vaga-lumes e suscitar um desenho ampliado de suas trajetórias no espaço. Por meio de acionamento de lâmpadas LED em suportes de bambu ou acoplados em plantas e vegetação, amplia a investigação a respeito do desenho contemporâneo, aqui compreendido de um modo expandido no espaço e que promove a experiência de desenhar com os olhos, acionando a nostalgia dos tempos de infância e o encantamento do encontro com esses insetos.

A noite cai sobre o quintal e o jardim-valise, mais um percurso temporal cílico faz o seu rumo, levantando com a brisa fresca a gruta invisível e noturna “das inscrições paleolíticas aos grafites dos sótãos abandonados, as mensagens mais urgentes se escrevem na noite e a noite misteriosamente se converte em um lugar da palavra (Clément, 2019, p. 53)², do pensamento, da reflexão e da experiência. Novas tipologias de jardins são aqui entrevistas para pensarmos a persistência do jardim – essa arte que está presente desde nossos lares, nas tramas urbanas até



as histórias, as imagens, os discursos e os sonhos. Ainda assim, esse *locus* sempre solicita um constante entreolhar crítico para compreender como tal gesto primário – o de pôr o resultado sempre mutante de um mesmo gesto nas mãos do tempo, de calar-se perante o trabalho da se-meadura, de esperar, de sonhar o ciclo esperado, mas sempre novo da natureza agir – se oferece para a construção de novos mundos que são alternativa para outros futuros.

Jardim presente, jardim pretérito, jardins da arte, jardim inconcluso, jardim de escultura, jardim com seus espaços intermediários, jardim de Majorelle, jardim pré-adâmico, jardim povera, jardim possível, brejo das delícias, jardim ltuoso, teto-jardim, jardim familiar, jardim público, jardim da morte, jardim efémero, pequeno jardim, jardim planetário, jardim de vaga-lume, jardim com suas árvore-bibliotecas e um ecomuseu urbano até os terrenos baldios e vagos, os canteiros das calçadas, as margens das estradas, os remanescentes de mata, de florestas e ecossistemas: o jardim Terra.

Inverno de 2023

Fercho Marquéz-Elul e editores da Revista-Valise



Universidade Federal do Rio Grande do Sul**Reitor**

Carlos André Bulhões

Instituto de Artes**Direção**

Raimundo José Barros Cruz

Jéssica Araujo Becker

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais**Coordenação**

Teresinha Barachini

Niura Aparecida Legramante Ribeiro

Revista-Valise**Editores (PPGAV-UFRGS)**

Katia Maria Kariya Prates

Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira

Fernanda Soares da Rosa

Fercho Marquéz-Elul

Gabriela Traple Wieczorek

Lucas Icó

Marcelo de Oliveira Bordignon

Marina Costamilan Rombaldi

Conselho Editorial

Ana Albani de Carvalho, UFRGS

Alexandre Ricardo dos Santos, UFRGS

Carlos Gerbase, PUC-RS

Daniela Mendes Cidade, UFRGS

Éder da Silveira, UFCSPA

Elida Tessler, UFRGS

Flávio Gonçalves, UFRGS

Jacinto Lageira, Paris I, Panthéon-Sorbonne

Leila Danziger, UERJ

Luiz Cláudio da Costa, UERJ

Mabe Machado Bethônico, UFMG

Maria Amélia Bulhões Garcia, UFRGS

Maria Ivone dos Santos, UFRGS

Maria Lúcia Bastos Kern, PUC-RS

Marilda Oliveira de Oliveira, UFSM

Paulo Silveira, UFRGS

Regina Melim Cunha, UDESC

Rosangella Leote, UNESP

Sidney Tamai, UNESP

Suzane Weber Silva, UFRGS

Projeto gráfico e diagramação

Lucas Icó

Marina Rombaldi

Editoração (PPGAV-UFRGS)

Katia Maria Kariya Prates

Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira

Fernanda Soares da Rosa

Fercho Marquéz-Elul

Gabriela Traple Wieczorek

Lucas Icó

Marcelo de Oliveira Bordignon

Marina Costamilan Rombaldi

Capa

Fernando Limberger

Revisão (PPGAV-UFRGS)

Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira

Fernanda Soares da Rosa

Fercho Marquéz-Elul

Gabriela Traple Wieczorek

Marcelo de Oliveira Bordignon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

R454 Revista-Valise – ano 1, vol.1, n.1 (jul. 2011).

– Porto Alegre: Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa
de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2011-.

Ano 13, v. 13, n. 1 (jul. 2023)

Semestral com publicações nos meses
de julho e dezembro.

ISSN 2236-1375 (versão online)

1. Artes visuais 2. Periódicos I. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes,
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

CDU 7

Bibliotecária responsável: Catiele Alves de Souza –
CRB 10/2230





